

O Instituto de Arqueologia

Fragmentos da sua colecção



Coimbra 2016

O Instituto de Arqueologia

Fragmentos da sua colecção

FACULDADE DE LETRAS | UNIVERSIDADE DE COIMBRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA | SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

O Instituto de Arqueologia | Fragmentos da sua colecção

COORDENAÇÃO

Raquel Vilaça

ORGANIZAÇÃO

Instituto de Arqueologia | Secção de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Museu Monográfico de Conimbriga

TEXTOS E FICHAS

Carlo Bottaini
Domingos Cruz
Francisco Gomes
Helena Catarino
Inês Soares
João Paulo Avelãs Nunes
José d'Encarnação
Pedro Carvalho
Raquel Vilaça
Virgílio Hipólito Correia

FOTOGRAFIA

António Cavaleiro Paixão
Barbara Armbruster
Francisco Gomes
José Luís Madeira

DESENHO

Francisco Gomes
José Luís Madeira

ILUSTRAÇÃO

José Luís Madeira

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO

José Luís Madeira

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO

Instituto de Arqueologia | FLUC
Museu Monográfico de Conimbriga

APOIO

Lusitânia, Companhia de Seguros, S. A.

ISBN

978-989-26-1124-2 | Suporte: electrónico | Formato PDF

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1124-2>



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
FAC. DE LETRAS - PALÁCIO SUB-RIPAS - 3000-395 COIMBRA

<http://www.uc.pt/fluc/iarq> | e-mail: iarq@fl.uc.pt

Museu Didáctico do Instituto de Arqueologia

Sob a designação oficiosa de “Museu Didáctico”, detém o Instituto de Arqueologia uma coleção arqueológica, constituída por materiais autênticos e por réplicas de inscrições romanas, cristãs e medievais, assim como de materiais pré-históricos e romanos.

De notável interesse se revestem essas réplicas, feitas já na 1ª metade do século XX, não apenas pela sua perfeição mas também por documentarem uma apreciável preocupação didáctica.

Na verdade, ainda a Arqueologia não gozava, a nível universitário, de significativo prestígio e já vamos encontrar no opúsculo que, em 1919, os responsáveis da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra elaboraram para se defenderem das acusações que lhes eram feitas, uma referência que, a esta distância, não deixa de ser sintomática: no capítulo “Material de ensino e instalações da Faculdade” expressamente se alude às “coleções de Epigrafia, de Esfragística, de Numismática, organizadas umas, outras em vias de organização”, o que denota a importância que já então se dava a um ensino prático, em contacto com os materiais.

Foi certamente o Doutor António de Vasconcelos, na altura director da Faculdade — cargo que ocupou de 1911 a 1920 — o autor desse opúsculo ou o seu principal inspirador, porque estava previsto para o volume IV dos seus Escritos Vários — que não chegaria a publicar-se — um capítulo designado “Catálogo das inscrições da Galeria Epigráfica (incompleto)”, que deveria ser complementado por breves monografias sobre algumas das referidas epígrafes.

Por deliberação de 16 de Junho de 1930, constitui o Senado Universitário o Fundo Sá Pinto, alimentado com os juros da verba que o benemérito Alexandre de Sá Pinto legara à Universidade. Regulamentaram-se os critérios de concessão dos subsídios com base nesse Fundo, entre os quais a “aquisição de material didáctico” ocupou lugar de destaque (sessão do Senado de 13 de Fevereiro de 1933). Ora, o que nos é particularmente grato verificar é que, a par do compreensível apoio a uma investigação sobre “o lugar da hipófise no sistema endócrino vegetativo”, por esse Fundo se tenham atribuído

verbas para a realização, inclusive no estrangeiro, de réplicas de objectos arqueológicos pré-históricos e, sobretudo, de inscrições consideradas significativas. E não apenas se fizeram cópias de monumentos epigráficos da própria cidade de Coimbra como também, a título de exemplo, de Bobadela, uma delas deveras sintomática por se tratar da cópia, feita no século XVIII, de um texto autêntico.

Ou seja: há que realçar-se não apenas essa preocupação didáctica mas também se deverá apreciar a acuidade com que é feita a selecção de peças a copiar, de forma a dar aos estudantes uma panorâmica diversificada da realidade a investigar.

Trata-se, convém anotar, de uma tendência generalizada na Europa desse 2º quartel do século XX e que radicava numa concepção, que hoje se classificaria de “museológica”, já patente nas gipsotecas alemãs de finais do século XIX, herdeiras também elas da tradição de Setecentos em que as gipsotecas se difundiram junto das Academias e dos Institutos de Arte como forma de melhor se educarem os estudantes para o gosto artístico e para a boa prática do desenho e da modelagem. Assim, se um monumento tão grandioso e eloquente como a Coluna de Trajano vai ter réplicas no Victoria and Albert, de Londres, e, a fortiori, no Museu Nacional de História da Roménia, em Bucareste, Emanuel Löwy criara, já em 1892, na Università della Sapienza, em Roma, uma enorme colecção de cópias, em gesso, de esculturas gregas (tanto das originais como das respectivas cópias romanas), a exemplo dessas gipsotecas alemãs, o que constitui, hoje, naquela universidade, o chamado Museu de Arte Clássica, com mais de 1200 exemplares. E, já antes, em 1887, por iniciativa de Gherardo Ghirardini, a Universidade de Pisa criara a sua gipsoteca, “segundo o modelo da arqueologia germânica”, ilustrando as obras “mais conhecidas e significativas da arte grega, etrusca e romana”.

Entre nós, ficámo-nos, pois, por exemplares menos sofisticados e volumosos, até porque o espaço nem dava para as salas de aula precisas quanto mais para albergar peças volumosas!

Fruto, por conseguinte, de uma relevante tradição didáctica, as réplicas do Museu Didáctico constituem exemplares valiosos quer pelo seu significado quer, inclusive, pela excelência da sua execução, na senda do melhor que, nesse domínio, se fazia. E se a elas acrescentarmos a oferta, em 1958, feita pelo Prof. Doutor Francisco Gentil, do espólio resultante de escavações na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, ficamos com a ideia clara de que, embora de existência formal não consubstanciada num espaço museológico, o “Museu Didáctico” tem, de facto, uma história para contar. E quando, a 6 de Março de 1958, o Instituto de Arqueologia oficialmente se inaugurou, foi a exposição de boa parte desses materiais que o assinalou, merecendo do então director, o Doutor Providência e Costa, encomiásticas referências. [Jd'E]



FLUC FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



MINISTRO DA CULTURA

